

o amor do soldado
*história de um poeta e
sua amante (em um prólogo,
três atos e um epílogo)*

JORGE AMADO



TEATRO

Posfácio de Aderbal Freire-Filho



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Editora do Povo, Rio de Janeiro, 1947

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Bete Capinan

Imagens de capa © Castro Alves aos 16 anos/ Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril-Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Preparação e assistência editorial Cristina Yamazaki

Revisão Jane Pessoa e Ana Luiza Couto

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

O amor do soldado : história de um poeta e sua amante :
(em um prólogo, três atos e um epílogo) : teatro / Jorge Amado;
posfácio de Aderbal Freire-Filho. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1869-4

I. Teatro brasileiro I. Freire-Filho, Aderbal. II. Título.

11-04064

CDD-869.92

Índice para catálogo sistemático:

I. Teatro: Literatura brasileira 869.92

Diagramação Spress

Papel Pólen Soft

Impressão RR Donnelley

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PERSONAGENS

AUTOR

EUGÊNIA CÂMARA

Um ator da Companhia Furtado Coelho

Adelaide Amaral

Tobias Barreto

CASTRO ALVES

Caú (mucama de Eugênia)

Maciel Pinheiro

Rui Barbosa

Um negro velho

Fagundes Varela

Antônio Borges da Fonseca

Joaquim Nabuco

Furtado Coelho

Estudantes, homens, mulheres, espectadores de teatro

(A cena decorre entre 1866 e 1870)

PRÓLOGO



PRIMEIRA FALAÇÃO DO AUTOR

O pano ainda está descido, mas já foram dados os sinais para começar o espetáculo. O autor vem da entrada do teatro, atravessa a plateia e sobe ao palco. Veste com sobriedade e não traz nenhuma caracterização. Chegando ao palco o

AUTOR [*começa a falar*]

Desculpai-me se me atrasei um pouco. Ouvia no rádio os últimos telegramas. Um sopro de liberdade atravessa o mundo. Mas, vamos ao que importa... Esta Companhia e eu resolvemos vos contar hoje a vida de Castro Alves, o poeta. Acreditamos que, nestes tempos dramáticos em que homens de todas as raças lutam pelo direito à liberdade, maior bem dos homens, sem o qual a vida não é digna de ser vivida, o exemplo de Castro Alves, construtor de democracia, merecia ser apontado mais uma vez. Ele foi, nos breves e eternos vinte e quatro anos que passou entre nós, o maior criador de beleza e o maior criador de liberdade que jamais possuímos. Hoje os nossos soldados lutam em terras estrangeiras pela democracia. São jovens como ele e estão animados dos mesmos nobres

sentimentos que o animaram. Em honra aos soldados expedicionários brasileiros trazemos à cena a vida do poeta libertário e libertador.

Necessitamos da vossa ajuda. Não é fácil prender nos limites de um palco a vida de Castro Alves que se processou sempre na praça pública, à frente da multidão. Ele não agiu como a maioria dos poetas que se tranca nos gabinetes de trabalho à espera da inspiração. Não foi apenas um poeta da liberdade, foi também um militante da liberdade. Seu lugar era à frente do povo. Sua arte, ele a colocou a serviço da Pátria e da humanidade.

Hoje ides ser assistentes, mas desejamos também a vossa colaboração. Deveis ser também figurantes, homens do meado do século passado, que ouviram o verbo inflamado de Castro Alves nos teatros e nas praças do Recife, da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo. Num tempo em que os negros eram escravos e a República, um sonho de idealistas.

Para começar eu vos peço que imagineis estar não neste teatro, mas, sim, no Teatro Santa Isabel, do Recife, no distante ano de 1866. Em cena vereis não esta companhia e sim a de Furtado Coelho da qual Eugênia Câmara é primeira atriz e Adelaide Amaral, a segunda. Entre vós estarão alguns jovens estudantes que seriam, depois, dos maiores homens do Brasil: Castro Alves, Rui Barbosa, Tobias Barreto, Maciel Pinheiro, muitos outros. É assim que começa a nossa história...

[Durante as últimas palavras do autor começa a subir o pano. O autor retira-se pelos bastidores.]

QUADRO ÚNICO

A cena representa o palco do Teatro Santa Isabel, no Recife. A Companhia Furtado Coelho representa a peça *Os jesuítas*, de José de Alencar. Eugênia Câmara faz o papel de Constança, Furtado Coelho faz o papel de Samuel. Adelaide Amaral faz o papel de Inês. Um outro ator faz o papel de Estevão. Tomam parte no quadro, além dos atores no palco, a claque do teatro, dividida em partidários de Eugênia Câmara e partidários de Adelaide Amaral, e atores espalhados em meio à plateia. Na plateia, como um espectador, está Tobias Barreto. Num camarote, também como um espectador, está Castro Alves.

CENA ÚNICA

Ao levantar o pano o palco representa o cenário do primeiro ato de *Os jesuítas*. (*Um pequeno campo coberto de arvoredo nas faldas do morro do Castelo, e defronte do convento de Ajuda, ainda não acabado.*) A representação vai em meio. Em cena Eugênia Câmara, no papel de Constança, e um ator no papel de Estevão. Depois Furtado Coelho no papel de Samuel, e Adelaide Amaral no papel de Inês. Os atores devem representar ao jeito da época.

ATOR [*no papel de Estevão*]

Lembre-se, Constança, que sou enjeitado; não recebi de meus pais nem a herança que o mendigo deixa a seu filho: um nome.

EUGÊNIA [*no papel de Constança*]

E que me importa isso?... [*olhando para um camarote onde está Castro Alves apaixonado*] No mundo não existe outro homem para mim; [*a declaração de Eugênia parece dirigida exclusivamente a Castro Alves*] não conheço a ninguém mais. Nobreza,

cabedais não valem para mim o seu coração. [*Eugênia diz essas palavras com voz apaixonada, os olhos fitos em Castro Alves*]

ATOR [*Estevão*]

Obrigado, Constança, obrigado! Eu a encontro como a sonhei! Mas é preciso que me eleve à altura do seu amor, e o conseguirei. A sociedade deserdou-me; minha família renegou-me, mas Deus me deu coragem para lutar com meu destino e vencê-lo. Tranquilize-se, não me esperará muito tempo.

EUGÊNIA [*Constança*]

Oh!... Eu lhe peço!... Vai matar-me!

ATOR [*Estevão*]

Então não me estima!

EUGÊNIA [*Constança*]

Não diga isso, Estevão.

ATOR [*Estevão*]

Se me estima, deve ter a coragem do sacrifício. Cuida que também a mim não custa esta separação?

EUGÊNIA [*Constança*]

Sim, sim!... Eu terei coragem, já que é preciso.

ATOR [*Estevão*]

Agora, antes de nos separarmos, uma última graça.

EUGÊNIA [*Constança*] [*olhando para Castro Alves no camarote*]

O quê, meu amigo?

ATOR [*Estevão*] [*ajoelhando-se*]

Abençoe-me; Deus falará por seus lábios; e sua palavra cairá sobre mim como a unção divina.

EUGÊNIA [*Constança*] [*beijando-o na frente*]
Adeus!

[*Furtado Coelho, no papel de Samuel, aparece ao fundo*]

ATOR [*Estevão*] [*erguendo-se*]

Ah! tu me santificaste, Constança. Sou outro homem; sinto-me com forças de fazer impossíveis. Levo tua alma neste beijo; eu a restituirei depondo a teus pés minha vida inteira.
[*abraça-a*]

FURTADO COELHO [*no papel de Samuel*]

Tua vida, meu filho, já não te pertence.

EUGÊNIA [*Constança*]

Ah! [*olha atrevidamente para Castro Alves*]

ATOR [*Estevão*]

Senhor!

FURTADO COELHO [*Samuel*]

Por que vos assustais, Constança? Minha presença não deve inquietar-vos. Um pai é sempre bem-vindo quando se trata da felicidade de seu filho. A afeição que tenho a Estevão envolve todos que lhe são caros, como vós, Constança.

ADELAIDE AMARAL [*no papel de Inês, entrando*]

Senhor, eu... [*Para ao ver Estevão e Constança. Das torrinhas os seus partidários começam a aplaudir delirantemente aos gritos de "Adelaide Amaral! Adelaide Amaral!". Adelaide, do palco, agradece. A outra parte das torrinhas revida aos gritos de "Eugênia Câmara! Eugênia Câmara!". Com os gritos a representação fica impossibilitada de continuar. Os atores em cena estão parados. Adelaide e Eugênia agradecem as ovações. Os partidários de Adelaide vão Eugênia e vice-versa. No meio da plateia*]

levanta-se Tobias Barreto que sobe à cadeira onde estava sentado, sendo ruidosamente aclamado pelos partidários de Adelaide, que gritam “Viva Tobias Barreto!”.

TOBIAS BARRETO [*pede silêncio com as mãos e, quando consegue relativo abrandamento da gritaria, começa a declamar, dirigindo-se a Adelaide Amaral*]

*Sou grego, pequeno e forte
Da força do coração,
Vi de Sócrates a morte
E conversei com Platão;
Sou grego; gosto das flores,
Dos perfumes, dos rumores;
Mas minb'alma inda tem fé,
Não sonbo, não me embriago
Nos banquetes de Friné...*

[*Lança o último verso, voltado para o camarote onde está Castro Alves, como um desafio. Os partidários de Adelaide aclamam Tobias, gritam seu nome e o da atriz, aplaudem, enquanto os partidários de Eugênia clamam por Castro Alves, gritando o seu nome.*]

CASTRO ALVES [*levantando-se no camarote sob as aclamações dos partidários de Eugênia e as vaias dos partidários de Adelaide. Do palco Eugênia atira-lhe um beijo. Declama, voltado para Tobias que continua de pé na plateia*]

*Sou hebreu, não beijo as plantas
Da mulher de Potifar...*

[*Grande ovação dos partidários de Eugênia. Gritos, confusão. Castro Alves dirige-se agora a Eugênia, no palco.*]

Ainda uma vez tu brilhas sobre o palco,

*Ainda uma vez eu venho te saudar..
Também o povo vem rolando aplausos
Às tuas plantas mil troféus lançar..*

*[aumentam os aplausos e as vaia, das torrinhas atiram flores, cartolas
etc., sobre o palco, enquanto cai lentamente o*

PANO